

AZILTONENSE

Órgão independente defensor dos interesses de Azilândia e arredores

ADMINISTRADOR
Manuel Faria de Betencourt

GERENTES
Gastão Faria de Betencourt

Domingo, 14 de Dezembro de 1919

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

VICENTE Faria de Betencourt

Compeloção e Impressão
Tip. Henrique Torres — R. de S. Bento, 279 — LISBOA

PREÇOS DE VENDA
Trimestre 400 réis
Semestre 800 réis
Ano 1600 réis
PREÇOS DE ASSINATURAS
1.ª Página 400 réis
2.ª e 3.ª Páginas 1600 réis
4.ª e 5.ª Páginas 800 réis

Antonio Maria d'Oliveira Parreiru

Nasceu em Azilândia a 26 de Agosto de 1858 e aqui faleceu a 15 de Abril de 1915

Assim como pará se fazer o juízo de certo facto historico se deixa passar o tempo sufficiente para que, calmas as paixões, esse facto surja perfeitamente nítido e aquelle que o avalia possa imparcialmente estimá-lo e criticá-lo assim também quando se pretenda fazer a apreciação de qualquer figura em destaque, deve prover de um estudo cuidadoso e sereno, feito por seu espirito melancioso mais desapassionado, e não por um espirito portante, que ninguém menos indigne para escrever a biographia de uma pessoa do que a sua propria filha!

E não entanto razões fortes me levam a licenciar o honroso convite que me foi feito pelo illustre director do «Azil-tonense».

Perdoem-me os que me lemerem, sempre que em vez do espirito frio que devia julgar a sobre figura d'Aquie que em vida firmou as suas obras com o nome de Oliveira Parreiru, vireis antes surgir o espirito apaixonado de uma filha perante a sagrada memoria do melhor dos Pais!

De resto o que eu me proponho fazer não é uma biographia, não quando muito umas notas sobre a vida de meu Pai como preito que o «Azil-tonense» presta hoje á sua memoria!

Nasceu meu Pai em Azilândia numa modesta aldeia denominada «Castel-nhos».

Tendo recebido por herança suas tendências congenitas cujo conjunto formou o temperamento, veio a educação e o meio em que viveu completarem esse caracter, que se evidenciou sempre no decorrer da vida pela sua grande integridade.

Era meu Pai um bocado, como não podia deixar de ser, tendo passado toda a sua mocidade no campo de guerra das duas avés, e o riso franco dos aldeões do seu tempo.

Como era de comprehensão fraca e dedicada, não pensaram nunca meus Avós em fazer d'ele um doutor, limitando-se apenas a mandá-lo á escola, que ficava a dois kilometros de distancia, em Aldeia Nogueira e cinda meu Pai de camadagem com Joaquim Rasteiro e Manuel Bento de Sousa, aprendia aos 9 anos a declinar o seu nome.

Depois de decimar os cedros do seu logar ás fabulas de Piedra e estas, por sua vez, foram substituídas pelas mais notáveis classicas latinas. Não posso precisar por que anno achou o velho professor Julio Pinto de Aragão concluída a carreira de mestre e que a seguir que Elle sahia latim como pouco!

E meus Avós que nem queriam pensar sequer em separar-se do Filho deiram por terminada a sua educação!

Mas... cada um para a que nasceu digno e meu Pai tinha nascido para ser um homem, um erudito! E aqui apellou-se para todos os que o conheciam e a todo o alistarão a verdade de quanto afirmou!

Não anda enorme de saber, começo por ter romances historicos francezes e assim estudou a lingua e a sua historia!

O mesmo aconteceu com o inglez, o alemão, o italiano, e o hespanhol!

Estudou só, fez-se a si proprio! Portuguez de lei, amou a terra e a terra enabrodo amar e nunca perdeu a occasião de levantar aos olhos do todos. Grande investigador sahia a proposito de tudo, uma historia que contava com um interesse e uma graça que prendia quantos o ouviam. Era o que se chama um belo cavalheiro; e as suas palestras tinham, tal como os seus escritos, um fundo sempre verdadeiro e real, mas a que Elle imprimia, ora uma forma faeta, ora o cunho romanesco que era talvez mais brilhante apañazio do seu espirito!

Tendo assistido ás lutas civis que se desendaram em Portugal pelos anos de 1845 e 1847 e as que Azilândia foi theatro, descreveu-as meu Pai numa serie de artigos no *Revista Illustrada* sob

infeliz que viveva afastado da familia e que esperava dolorosamente as visitas que não vinham...

Que poesia e que de verdades encerra este bello trecho!

Por volta do ano 1888 viveu ainda meu Pai em Azilândia tendo se dedicado á vida e ahi chamava á sua fortuna.

Meu Pai soffeu com isso tamanho chagão que pensou em procurar nova vida; lembrou-se? Onde?

Raio lembrou-se de ser professor de um lyceu! Mas para isso era preciso um concurso! E meu Pai não tinha um exame sequer!

em que as doutrinas egualitarias ainda não tinham fado perder o respeito que se deve aos superiores, chamavam carinhosamente ao Patrio Frederico, era o dapper d'aquillo Olympo! Foi ali que meu Pai passou 15 dias, em que se apurou do mar d'esse mar que em Arrabida tem uma transcendencia eniica misturado com o perfume do romancismo da serra, não conseguiram apagar dos olhos a memoria do seu primeiro superior, aliviar-lhe os padecimentos. Então Manuel Bento de Sousa, mandou-o para Monchique com o espanto do proprio medico das ther-mas.

Comecendo o tratamento, ao 3.º dia parou; sobreviu ao seu amigo participando-lhe, Manuel Bento respondeu d'aquella forma concisa que lhe era peculiar e que revela a firmeza de opiniao e a confiança que se tem em si proprio: «elimina-se dose das aguas mas continue-se 15 dias depois, volva-me meu Pai a Azilândia quasi bom! Fôra uma ressurcção!»

Sobra o facto da sua vida escreveu meu Pai um artigo no *Jornal do Commercio* denominado «E Arrabida a Monchique em que pôe em evidencia a belleza das duas serras no intuito de dar ainda mais realce á Arrabida que Elle faz sobresair pelo encanto da sua propria redacção e pela pittoresco de seus pargura unico».

Em 1899 publicou meu Pai os «Lusos-Arabes» livro de historia que Elle romantisou com o fim de: «Que proprio dito, divulgar certos conhecimentos historicos pelas pessoas que fazem da Azilândia não suda a dias passatempo! O que esse livro representa de esforço de investigação é colossal!»

O juizo critico desta obra pode ser avaliado pelas cartas que D. Leopoldo Evelyn Jayme, cedeo a Arrabida, leito da Universidade de Granda escreveu ao Dr. Garcia Peres e ainda pela apreciação que d'ela faz o illustre senador de Madrid e celebre escritor Edmundo Savredy, apreciação que a falta de espaço me inibi de transcrever.

Fôr esta uma obra de foliole, assim considerado pelos nossos melhores escritores e pelos da nação vizinha e que lhe devia ter dado entrada na Academia de letras, para se prevalecer de valor á impostrar e a modestia e pre-çancia!

Em Evora onde era estimadissimo e muito considerado pelo seu caracter e pelo seu saber, regui alho de diver-sidade de notoriedade, a convite de um seminarista e convite de S. Ex.ª Rev.ª e o Sacerdote Arcebispo D. Augusto Eduardo Nunes que foi seu devotado amigo.

Meu Pai não era politico, nunca o fôr. Desde Elle que não sabia se opo-tim e indifferente, talvez criminoso, mas com uma muita gente, se pela descrença nos homens!

Isto passava meu Pai aos 43 anos! Se aquelle cedeo o traballado aos 31 fôr de mais, mais indifferente! Como Elle classificaria de ingenua a descrença n'esse tempo!

Assim tinha annos em todos os partidos e todos o apreciavam!



o titulo de «Quadros da minha terra» em que a forma litteraria que lhe imprimiu em dados prejudica a veracidade dos factos antes os faz realçar mais vividamente e palpantes!

Paginas litterarias não menos belas do que estas, são as que encimadas pelo mesmo titulo, formam a 2.ª serie dos seus «Quadros», e que descrevem as lutas entre «Fidalgo e Professore» até aos anos de 33 e seguintes.

E assim era porque essas duas classes, se é certo que se uniam pelos interesses politicos e pelos religiosos tão preponderantes n'esse tempo, dialogavam-se em geral no resio.

Outro quadro ainda a que não quero deixar de me referir é a «Uma ruina entre ruinas» historia verdadeira em que foi protagonista um dos mais nobres vultos da aristocracia portugueza apresentado com as carac. entre resinas, que em 1838 comandava uma brigada do exercito miguelista, e que 28 anos depois morria de miseria tendo apenas a velar-lhe o ultimo momento algumas mulheres do povo e sua filha

Não importa, assim mesmo era-lhe facultado o concurso!

Meu Pai, com a sua energia e com a sua vontade inquebrantavel e... perdiam-me... com o seu grande talento, preparava-se para essa difficil prova em poucos annos! Com quem! Comigo proprio! Sê! Com o seu esforço!

Como se traballo! Como o seu estado!

E... foi o primeiro classificado!...

E... deram-lhe a sua lita: a escola

do lyceu de Evora! E em Outubro de 1901 tomava posse do seu novo logar.

No verço seguinte adoeceu gravemente. Os medicos que o viram tinham opiniões diversas sobre a doença mas a maior parte elles inclinava-se a uma tísica desenterica! Voltou para Azilândia e consultou o seu amigo de infancia e então distincto medico Dr. Manuel Bento de Sousa que o mandou para Arrabida. Porem em Arrabida não havia uma hospedaria sequer! Mas havia a casa de um amigo que foi para meu Pai mais do que um amigo, foi um irmão! E logo homem a quem os maritimos no tempo

